

PLANTANDO SEMENTES DO DHAMMA NA ÁFRICA

O início do Budismo na África



Venerável Bhikkhu Buddharakkhita
(Um monge Africano)

Tradução: Francisco Penteado
Revisão: Arthur Shaker

Casa de Dharma 2007
www.casadedharma.org
casadedharma@yahoo.com.br
r. Dona Antonia de Queiroz, 532/23
São Paulo SP
Tel. (11) 3256-2824

Nota do Revisor

É com alegria que a *Casa de Dharma – Centro de Meditação Budista Theravada*, vem disponibilizar aos interessados no Dhamma, a tradução (autorizada) deste livro.

Temos a felicidade de ter os ensinamentos do Venerável Bhikkhu Buddharakkhita conosco a partir de 2007, iniciando desde então uma amizade venturosa.

Possamos prosseguir juntos, no caminho do Dhamma.

Muita gratidão e Metta ao Venerável Bhikkhu Buddharakkhita.

Que todos os seres das Áfricas sejam felizes!

Nosso apreço e intenção de colaboração juntos aos povos africanos

Casa de Dharma
Novembro 2007

Interessados em apoiar Uganda Buddhist Center
ou contatos:

info@ugandabuddhistcentre.org

www.ugandabuddhistcentre.org

HOMENAGEM AO BUDDHA

Namo Tassa Bhagavato Arahato

Samma sambuddhassa

(Homenagem a Ele, o Abençoado, o Digno, o Plenamente Iluminado)

Os Três Refúgios

Buddham saranam gacchami

(eu vou ao **Buddha** como meu refúgio)

Dhammam saranam gacchami

(Eu vou ao **Dhamma** como meu refúgio)

Sangham saranam gacchami

(Eu vou à Sangha como meu refúgio)

Possam todos os seres compartilhar nos méritos desse livro do **Dhamma**, em sua escrita, publicação e distribuição.

Gratidão aos doadores.

Este livro é dedicado humildemente aos meus pais,
meu preceptor Ven. Saydaw U Silananda que me ordenou e me encorajou a aprender
e divulgar o **Dhamma**
E a todos meus outros mestres do **Dhamma**

Possam todos eles alcançarem a libertação final nesta vida

INTRODUÇÃO

Esse livro foi inspirado por muitas perguntas das pessoas que encontrei na África, América e Ásia. Elas sempre me faziam muitas perguntas interessantes sobre o Budismo e os monges Budistas. Algumas vezes eu respondia rapidamente, mas frequentemente nunca havia tempo suficiente para responder tudo.

Elas sempre me perguntavam: Qual era a sua antiga religião antes de se tornar um monge Budista? Como você aprendeu a meditar em Uganda? Como você se tornou um monge em Uganda onde não há nenhum mosteiro? Quem o inspirou a se tornar um Budista ou um monge? Como se faz para se tornar um monge? Você tem seu próprio templo em Uganda? Porque você se tornou um monge? Como sua família (mãe) se sente sobre você ser um monge? O que os Africanos pensam sobre você como um monge Budista?

Tentei responder algumas dessas perguntas aqui. Foi muito difícil, no processo, tentar fazer esse livro não parecer uma autobiografia. Se isso ocorrer em certos momentos, peço que compreendam que meu único objetivo foi tentar responder às muitas questões que surgiram na medida em que fui procurando mostrar ao mundo o desenvolvimento do Budismo em particular em Uganda e de modo geral na África. Espero que este livro dê respostas às suas questões, satisfaça sua curiosidade ou lhe inspire a entrar na aventura do Dhamma.

“Difícil é nascer como ser humano.

Difícil é viver esta vida mortal.

Rara é a oportunidade de ouvir o sublime Dhamma.

*Raro é o surgimento de um **Buddha**.”*

Dhammapada: 182

Este livro foi publicado originalmente pela
Sasana Abhiwurdhi Wardhana Society
Buddhist Maha Vihara
Kuala Lumpur, Malásia
Novembro 2006

PARTE I : MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM O BUDISMO

O Budismo aos olhos dos Africanos

Nascimento

Nasci com o nome de Steven Kaboggoza numa família cristã no ano de 1966 em Kampala, Uganda, na África Oriental. Uganda faz fronteira ao norte com o Sudão, com o Congo ao Oeste e Ruanda ao sul. Divide o Lago Vitória com a Tanzânia e o Kenia ao sudeste. O país é pequeno e pobre. A população de Uganda é composta de uma mistura de diversas tribos que incluem os *Baganda* e diversas outras tribos. Tem sido um país assolado por guerras por muitos anos, com ditadores desagradáveis e com pouca liberdade. Com seus pesares, tem tido equilíbrio. Foi Sir Winston Churchill no início do século que disse: “ pela sua magnificência, pela variedade de formas e cores, pela profusão de vida maravilhosa - plantas, pássaros, insetos, répteis, feras – em grande escala... Uganda é realmente “a pérola da África”.

*“Ele, que senta solitário, descansa solitário,
caminha solitário numa prática diligente,
quem em solidão se controla,
irá encontrar alegrias na floresta.”*
Dhammapada: 305

Infância

Enquanto eu crescia, o Budismo era desconhecido em meu país. A religião predominante era o Cristianismo e o Islamismo. Em Uganda, especialmente em minha família, cristãos ímpios eram frequentemente considerados como “ovelhas negras” ou “amigos de Satã”.

Minhas primeiras lições de “meditação informal” em Uganda

Quando eu tinha a tenra idade de 5 anos, minha mãe, de mente aberta, gentil e moderada, teve um grande efeito em minha vida. Ela aceitava nossas diferenças facilmente e não tentava impor sua vontade, especialmente em assuntos relativos à religião. Ela tinha sua sabedoria natural.

Ela frequentemente me dizia, “se não tem nada para dizer, fique quieto. Se não tem nada para fazer vá dormir”.

Esses dois conselhos eram importantes para meu caráter e temperamento. Eu não queria ir dormir durante o dia, mas desde que eu não tinha nada para fazer, ela forçava-me a deitar. Desafortunadamente, não podia dormir. Permanecia me virando e virando na cama. Como resultado, permanecia acordado na sala e deixava meus pensamentos vagarem e observava minha mãe que facilmente dormia. Refletindo agora nesses dias sem sono, percebo que, naquele tempo eu não tinha nenhum “objeto de meditação”. Entretanto, não era também uma maneira simples de meditar? Ou seja, ficar em silêncio e calmamente observar a passagem dos fatos ou eventos?

Pessoalmente, eu tive um ótimo treino em ficar confortável com o silêncio e o espaço. Teria sido benéfico se naquele tempo tivesse tido alguém para me ensinar como praticar a meditação do insight. Onde poderia adquirir habilidade para uma meditação verdadeira?

Enquanto estava na escola primária como um garoto, eu gostava de freqüentar a Escola Dominical e ouvir as músicas e histórias. Entretanto, freqüentar a igreja logo se tornou compulsório. O chefe da escola era muito entusiasta de sua religião. Ele anotava os que faltavam às lições. Realmente faltar a igreja levava à certas pequenas punições. Essa atitude gradualmente criou uma resistência interior em mim.

Na adolescência, os Internatos católicos que eu freqüentava moldaram-me no estilo de vida cristão. Em Uganda, especialmente em minha família, cristãos ímpios eram freqüentemente considerados “ovelhas negras ou “amigos de Satã”. Pessoalmente, eu comecei a imaginar se ir à igreja tinha o propósito de agradar aos outros ou era para o desenvolvimento espiritual pessoal? Teria sido benéfico se, naquele tempo, tivesse tido alguém que pudesse ter me ensinado como praticar a meditação do insight para obter a sabedoria. Como adolescente, em minha vaga memória, aprendi que havia uma personalidade indiana chamada **Gautama** (*nome de família, sobrenome, do príncipe Siddhatta*) **Buddha**. Como a maioria dos Africanos, sabia somente isso !

*“Isso é toda a vida espiritual, Ananda, é isso,
bons amigos, bons companheiros, bons camaradas.
Quando um monge tem bons amigos, bons companheiros,
bons camaradas, é de se esperar que ele irá desenvolver
e cultivar o Nobre Caminho Óctuplo.”
.... O **Buddha** (SN 45:2)*

Adulto

Face a face com monges Budistas

Em junho de 1990, fui para a Universidade na Índia à procura da glória acadêmica nos negócios. Isso iria mais tarde mudar em Budismo! Havia alguns estudantes africanos e asiáticos na Universidade. Entre um pequeno grupo de estudantes estrangeiros havia 2 jovens monges Budistas da Tailândia. Senti muita afinidade com esses monges e os considerava praticamente como meus únicos amigos. Os monges sentiam o mesmo em relação a mim. Eles não me instruíram como meditar imediatamente, mas gradualmente introduziram-me ao Budismo. Eles gentilmente me levaram ao mercado e me ofereceram comida. Naquele tempo, eu não sabia a maneira correta sobre a etiqueta referente aos monges budistas - era eu quem deveria oferecer comida a eles!

Em novembro de 1990, um dos monges tailandeses, o Venerável Sandsiti, convidou-me a ir com ele para o pequeno Templo Budista perto de Chandigarh (capital do Estado de Punjab) onde um monge indiano residia. Foi a primeira vez que freqüentei uma cerimônia Budista. Vi uma grande estátua de **Buddha**, mas não percebi sua real significância. Com o tempo adquiri mais interesse nos ensinamentos de **Buddha**. Eu realmente admirei aqueles monges. Tudo neles fazia surgir em mim um profundo sentimento de bondade amorosa e gratidão. Durante as férias, eles retornaram a Tailândia e senti muito a falta deles. Eu desejava saber onde eu poderia encontrar outros monges Budistas.

*“Portanto, quando encontrares um homem resoluto e desperto,
esclarecido, judicioso de grande discernimento, paciente e virtuoso,
segue-o como a lua segue o caminho das estrelas.”*

Dhammapada: 208

Coneção especial com sua Santidade o Dalai Lama

Durante as férias de verão, continuei minha busca por amigos budistas. Tomei um ônibus à noite para viajar para Dharamsala, a moradia de Sua Santidade o Dalai Lama. Pensei. “Esse é um maravilhoso país. Pode-se até viajar a noite!” Em Uganda levamos muito tempo sem poder viajar durante a noite devido a guerras e outros problemas políticos. Assim, senti um outro nível de liberdade. Era uma longa corrida de ônibus num “*mango shake*” (ônibus de tarifa mais barata) para Dharamsala nas encostas das Montanhas do Himalaia. Foi uma viagem estupenda! Era isso um sonho ou realidade? Isso tudo eu não poderia ter imaginado fazer enquanto ainda estava em

Uganda. Isso foi também como me senti quando primeiro encontrei o **Dhamma**, os ensinamentos Budistas: “Encontrei algo que traz a liberdade!”

Um dia, fui a um encontro público de Sua Santidade o Dalai Lama, me juntei à centenas de ocidentais esperando para prestar homenagens ao Dalai lama em Dharamsala. Junto com a multidão de pessoas brancas de todo o mundo, eu era a única pessoa negra vinda da África. E por causa disso, fiquei separado e visivelmente fora da multidão. Estava muito feliz de estar perto de Sua Santidade pela primeira vez e suficientemente afortunado em cumprimentá-lo. Ele me abençoou e senti que sua personalidade irradiava um amor gentil e sem limites que trazia alívio e calma ao meu coração. Senti-me inspirado quando ouvi sua conferência de **Dhamma**. Ele representava a profunda compaixão e sabedoria dos Ensinamentos do Senhor **Buddha**. Pensei, “aqui é minha casa”. Encontrei meu lar espiritual em Dharamsala! Resolvi passar todas minhas férias em Dharamsala pelos próximos anos.

Minha viagem pelo Budismo se iniciou com meu encontro com os monges Budistas na Índia. Fui muito inspirado pelos meus excelentes amigos espirituais. Encontrei os Ensinamentos Budistas que me ofereceram maneiras práticas para alcançar a felicidade, isto é, como é falado no Nobre Caminho Óctuplo. Isso era uma abertura de olhar para mim. Os ensinamentos sobre o **kamma** (*ação volitiva*) dão grande ênfase na responsabilidade pessoal e responsabilidade para a ação pessoal. Mais tarde aprendi sobre o potencial para os seres atingirem o **Nibbana**. Todos esses ensinamentos Budistas tiveram um clamor muito grande em mim. Foi uma grande liberdade em minha vida! Meu treino acadêmico na Índia estava se transformando em uma procura espiritual.

*“Aqueles que confundem o não-essencial com o essencial
e o essencial com o não-essencial
permanecendo em pensamentos errôneos, nunca chegam ao essencial.
Aqueles que conhecem o essencial como essencial
E o não-essencial como não-essencial
permanecendo em pensamentos corretos, alcançam o essencial.”*
Dhammapada: 11-12

Buscando Professores Espirituais

A abertura diante das muitas tradições espirituais: uma criança numa loja de doces!

Havia muitas tradições espirituais na Índia: Hinduísmo, Sikhismo, Islamismo, Cristianismo, Budismo e muitos outros. Entretanto, uma aspiração espiritual que permanecia na profundidade da minha personalidade continuava a me empurrar na

procura por “algo”, mas, naquele tempo, esse “algo” era ainda pouco claro para mim. Entretanto, eu estava aberto, inclinado, para aprender sobre muitas religiões. Alegrementemente me juntei ao Baha’i Faith Centre em Chandigarh. Foi inspirador para mim visitar alguns *gurus* e *swamis* hindus. Estudei ensinamentos espirituais e meditação com Vimala Thakar, uma pessoa indescritivelmente especial. Ela irradiava amor compassivo o qual instantaneamente fazia-me admirar e respeitá-la. Vimalaji disse que ela não era Budista, mas que tinha um grande respeito pelo **Buddha**. Ela me ensinou meditação em todas as atividades da vida diária e enfatizava o valor do silêncio. Aconselhava-nos a nos colocar junto à natureza o mais possível, a sermos discípulos de nosso próprio entendimento e manter nossa mente e corpo sensíveis, alertas e afiados. Eu levei esses conselhos ao meu coração.

*“No exercício da meditação, desenvolve-se a sabedoria,
Sem meditação a sabedoria se perde.
Conhecendo esses dois caminhos,
escolha aquele em que se desenvolve a sabedoria.”*
Dhammapada: 282

Maravilhoso retiro de Meditação Tibetana

A oportunidade definitiva finalmente aconteceu. Em 1994, o Mosteiro de Tusita em Dharamsala organizou um retiro de 12 dias, o qual foi guiado por professor de meditação budista norte-americano chamado Dr. Alex Berzin. Durante o retiro ele fez palestras sobre os princípios fundamentais do Budismo e os níveis básicos da meditação budista, inicialmente como observar nossas intenções em tudo que fazemos. Durante o retiro, aprendi que observar a intenção é estar consciente da mente. Isso foi uma verdadeira viagem ao auto-conhecimento. Após este retiro eu nunca mais fui o mesmo. Definitivamente, a prática de meditação ajudou-me a ter fé nos preciosos ensinamentos de **Buddha**. Abandonei o caminho acadêmico e entrei no caminho espiritual. Juntei-me a amigos espirituais em Nova Delhi onde continuei a ouvir palestras espirituais, praticando meditação e lendo muitos livros de **Dhamma**. Os ensinamentos Budistas sobre **karuna** (compaixão) e **pañña** (sabedoria) me inspiraram. Os ensinamentos sobre o **kamma** especialmente colocaram grande ênfase na auto-realização e responsabilidade pelas próprias ações como causas dos eventos de uma vida (em comparação à atribuição de boas ou más coisas a uma força externa). Aprendi sobre o potencial dos seres em atingir mesmo o **Nibbana**, o qual é um estado para além do paraíso. Todos esses ensinamentos Budistas me chamaram a atenção enormemente.

Após morar com a **Sangha** (*comunidade de budistas renunciantes*) em Nova Delhi por um ano, deixei a Índia para uma peregrinação ao Nepal, Tibet e finalmente cheguei na Tailândia. Você já ouviu sobre falar sobre as centenas de alegrias e

centenas de sofrimentos? Eu iria aprender sobre isso enquanto continuava em minha jornada.

*“Qualquer prazer e alegria nesse mundo
é a gratificação nesse mundo.
Se, monges não houvesse gratificação nesse mundo
Os seres não se tornariam enamorados desse mundo.
Mas por que há gratificações no mundo
Os seres se tornam enamorados dele”.*
AN 3: 101-2

Procurando pelas gratificações dos prazeres mundanos

Após estar no Tibet por um mês e meio, encontrei um viajante britânico em Lhasa que me aconselhou a ir à Tailândia. Primeiro, retornei ao Nepal, depois fui até uma bela ilha chamada Koh Tao no sudeste da Tailândia. Precisava ganhar dinheiro, assim me propus a desenvolver o aprendizado de mergulho até alcançar o nível de instrutor. Finalmente, arrumei um trabalho como instrutor de mergulho. Achava divertido que pudesse ser pago para ter divertimento, mas logo fui fisgado. Esse trabalho pareceu-me dar grande alegria. Durante aquele tempo, também comecei a procurar por oportunidades para aprender e a praticar mais a meditação do insight. Entretanto, as condições não eram ainda apropriadas para freqüentar um retiro formal de meditação do insight na Tailândia. Ao invés disso, aprendi sobre as doçuras e gratificações da vida de um instrutor de mergulho! Dia após dia, eu ensinava a ricos estudantes vindos de todo o mundo. Entretanto, com o passar do tempo, me tornei insatisfeito com meu trabalho e alegrias. Como era isso possível?

*“Nem mesmo uma chuva de moedas de ouro
poderia estancar a sede dos desejos,
pois eles trazem pouca satisfação e geram dor.*

*Tendo entendido isso,
o sábio não encontra alegria mesmo nos prazeres celestiais.
Os seguidores de **Buddha** se deleitam na extinção dos desejos”.*
Dhammapada: 186-187

Insatisfatoriedade

No início, esta situação trouxe-me muitas vantagens e alegrias. Entretanto, ao final me senti cansado de ver turista indo e vindo, num dos resorts mais caros exclusivamente reservados para turistas estrangeiros ricos. Comecei a compreender a insatisfatoriedade em minha vida como instrutor de mergulho e o perigo. Após me

tornar desiludido com o mundo dos negócios, desiste de ensinar mergulho e deixei a Tailândia para retornar ao meu país na África. Mais tarde, uma pessoa que ficou sabendo que eu havia deixado a vida luxuosa no Resort na ilha, sugeriu-me que eu precisava ir ver um psiquiatra. Ele pensou que eu havia perdido minha sanidade! Mas veja: se eu não tivesse deixado quando quis, eu poderia ter ainda estado lá na Tailândia quando o desastre do Tsunami aconteceu em 2004. Ele destruiu quase toda a Ilha de Phi Phi. Muitas pessoas foram mortas no mesmo lugar onde eu costumava mergulhar. Foi realmente sensato eu ter deixado o Resort na Ilha e voltado para a África.

Minha vida estava salva?

*“Observa com serenidade o prazer e a dor.
A ausência do que se ama é dor e a presença do que não se ama é dor.
Evita apegar-se, seja ao que for,
pois não há sofrimento para os que, com serenidade,
não se apegam, nem têm aversão.”
Dhammapada: 210-211*

Bom dia e adeus... Mãe África

Haviam se passado 7 anos desde que deixara a África. Foi um longo tempo, viagem imprevisível e inusitada com muitas voltas e reviravoltas, assim eu estava emocionado em voltar para visitar minha família. Sentia muitas emoções enquanto o avião pousava no Aeroporto de Entebbe. Finalmente estava em casa – tudo era muito familiar, mas tão estranho de alguma forma.

Entretanto, uma vez chegado em casa percebi que a maioria dos meus parentes e amados familiares esperavam que eu retornasse como um rico e bem sucedido homem de negócios com um pasta nas mãos. Mas, eu era somente um simples yogi budista com a cabeça raspada, carregando meus apetrechos de mergulho numa mochila e muitos livros de Budismo. As pessoas não podiam entender porque eu estava carregando isso na África. Em Uganda não havia templos Budistas e nem mesmo um simples professor de Budismo e certamente não havia mar no qual pudesse mergulhar.

Muitos parentes ofereceram-me uma cabra ou galinhas como boas vindas e em minha honra, mas eu não os autorizei a matá-los bem como não queria que animais fossem mortos especialmente para mim.

Eles tentaram me converter de volta ao Cristianismo, mas eu já eu tinha grande convicção nos ensinamentos do **Buddha**. Alguns parentes distantes aconselharam-me a queimar os livros budistas e ler a Bíblia ao invés, mas claro, eu me recusei. Eles se tornaram muito frustrados, desapontados e desiludidos sobre mim.

Continuei a meditar em meu quarto sozinho e a ler os livros de Budismo que havia trazido da Ásia. Mas após tantos anos na Índia e Ásia com acesso a bons amigos e professores, em Uganda eu não tinha amigos espirituais para me relacionar com eles ou com quem discutir meus descobrimentos espirituais. Senti-me insatisfeito e com falta de uma comunidade. Resolvi deixar meu país pela segunda vez em busca de alguma Verdade mais profunda. Agora eu iria me devotar inteiramente à minha prática espiritual.

*“Mais vale um só dia
vivido na sabedoria e na meditação profunda,
que cem anos vividos na insensatez e descontrole.”
Dhammapada: 111*

Bem vindo às Américas

Gastei um ano na América do Sul viajando e praticando meditação por minha conta antes de atingir os Estados Unidos. Em 1999, freqüentei um retiro de 3 meses no Insight Meditation Society (IMS), em Barre, Massachusetts. Finalmente eu havia encontrado amigos praticantes budistas, minha **Sangha**, e o IMS se tornou meu lar espiritual – um lar longe do meu lar. Apesar dos meus planos iniciais em retornar à América do Sul após o retiro, eu me juntei aos componentes do IMS até o ano de 2000. Durante esse tempo, trabalhei, estudei com vários professores, participei de retiros e pratiquei meditação.

Encontrei com o **Bhante** Gunaratana no IMS em 2000 quando ele veio conduzir um retiro. Ele fazia caminhadas diárias durante o retiro. Ao final de uma caminhada juntos, **Bhante** Gunaratana me disse que eu deveria visitá-lo no Bhavana Society. Esse local iria se tornar meu mosteiro residência. – meu lar para um sem-lar após minha ordenação mais tarde.

Tudo acontece devido à causas e condições que estão sempre mudando. O mesmo se aplicava à minha vida no IMS. É importante observar as mudanças da vida. As coisas podem parecer muito sólidas e estáveis, mas as condições mudam e a estabilidade desaparece. Inesperadamente, tive que deixar o IMS.

Há um ditado que diz: a curva da estrada não é o fim da estrada, salvo se você não fizer a curva e prosseguir. Agora eu tinha que dar uma nova grande virada em minha vida. Mas para onde levaria isso me levaria?

*“Existe um caminho que leva aos bens terrestres,
outro que leva ao **Nibbana**.
Sabedor disso, que o monge, o discípulo do **Buddha**,
não seja arrastado por assuntos mundanos (honras),
mas se esforce no desapego.”
Dhammapada: 75*

A Renúncia

Tomei minha decisão. Iria “fugir” dos assuntos mundanos. Havia me tornado insatisfeito com a riqueza material através de minhas experiências na Tailândia. Havia encontrado alegria nos meus estudos de budismo. Queria dedicar minha vida a estudar e a praticar. Iria renunciar a alegrias menores (alegrias mundanas) por alegrias maiores, para mim... meu desenvolvimento espiritual. Ao final dos três meses do retiro de meditação do insight no IMS, percebi mais claramente que a verdadeira felicidade vem de dentro e não de fora. Claro, precisamos de uma ajuda externa (coisas materiais) para nos ajudar em nosso desenvolvimento espiritual, mas essas condições externas não são a finalidade, e nem tudo. São simplesmente meios para um fim. Se fizermos de nossas condições materiais o objetivo final para nossa vida, isso derrotaria nosso propósito de vida. O objetivo budista da vida é viver uma vida moral e finalmente atingir o **Nibbana**.

Estava resolvido que iria tomar o caminho para ser um monge Budista confirmado. Isso deveria acontecer num mosteiro com um monge mais velho disposto a ensinar a um estudante. Onde deveria ir?

*“Abandonando o caminho obscuro, que o sábio cultive o caminho luminoso.
Tendo trocado o caminho do lar pelo sem lar,
que ele se esforce na alegria do desapego, tão difícil de se deleitar.
Livre dos prazeres sensoriais, sem apego,
que o sábio se purifique das impurezas da mente”
Dhammapada: 87-88*

Procurando uma plena Ordenação

Um amigo me recomendou um pequeno centro, **Tathagata** (nome do **Buddha** usado para se referir a *Ele mesmo*), Meditation Centre (TMC) em São Jose, na Califórnia. Ele disse que as pessoas ali, especialmente os vietnamitas devotos, tinham um coração generoso apesar de ser um pequeno centro. Após considerar várias opções, fui para lá em 2001. Encontrei o Venerável Pannadipa e imediatamente,

ingenuamente perguntei-lhe se poderia ser ordenado. Eu não havia percebido que havia todo um processo que levaria à ordenação. Ele pareceu surpreso em ver um negro africano assim tão sinceramente interessado em se ordenar sem o treino formal. Como ele poderia saber o quão reais eram minhas intenções? Eu estava ansioso procurando por uma transformação espiritual. Ele concordou que eu ficasse no TMC para tomar o treino antes da ordenação. Comecei o treino intensivo de meditação e treino monástico que finalmente me levou à ordenação mais alta como um monge budista **Theravada** pelo meu preceptor Sayadaw U Silananda no TMC, San Jose, Califórnia, no ano de 2002.

Após algum tempo, me mudei para o Bhavana Society em West Virginia para praticar com o **Bhante** Gunaratana. Minha jornada americana havia alcançado um local de repouso e me tornei um residente permanente.

Assim, como os ensinamentos de **Buddha** chegariam até Uganda?

Estaria eu pronto a me defrontar com meus amigos africanos cuja maioria nunca ouvira falar sobre budismo?

Deveria ir meditar em cavernas na Índia ou espalhar o Dhamma na África?

*“Vá ensinar o Dhamma cheio de compaixão pelo mundo,
para o benefício, bem estar e felicidade das pessoas.
Não vão dois de vocês ao mesmo lugar.
Espalhem o Dhamma o qual é excelente no início,
excelente no meio e excelente no final.”*
...o **Buddha**

PARTE II: BUDISMO EM UGANDA

PLANTANDO SEMENTES DO DHAMMA

Primeira Missão do *Dhamma* na África

Mais de uma década atrás, enquanto estava na Índia, fiz planos iniciais com um grupo misturado de africanos e outros amigos para iniciar a “Sociedade dos Amigos Afro – Tibetanos” para assim estabelecer o **Dhamma** em Uganda e em outros países da África. Desafortunadamente as terras na África eram muito áridas, os campos não eram cultivados... o tempo não estava ainda maduro.

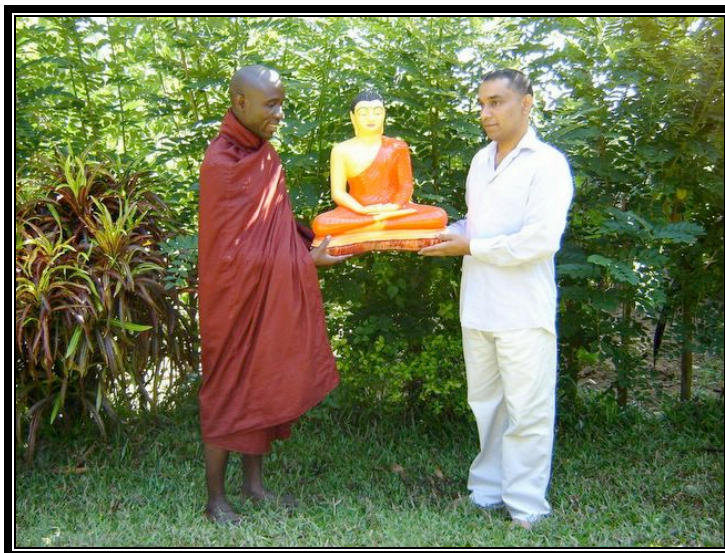
Enquanto estava no TMC em San Jose na California, Sayadaw U Pannadipa sugeriu-me que fosse espalhar o **Dhamma** na África, começando pelos meus familiares. Anos antes, Sayadaw U Beelin sugeriu-me que considerasse a volta para a África um dia, e compartilhasse o **Dhamma** – começando com meus familiares também.

Mais tarde, busquei a opinião do **Bhante** Gunaratana se seria melhor para mim ir para a Índia e meditar numa caverna (algo importante aos corações dos monges para seu próprio treino pessoal) ou ir espalhar o **Dhamma** na África. Ele fortemente aconselhou a ensinar o **Dhamma** na África o quanto antes possível. Alguns amigos nos Estados Unidos desencorajaram-me de voltar para a África. Eles estavam preocupados em relação à ajuda das pessoas do local referente à alimento, abrigo e outras provisões, “as necessidades básicas” providenciadas pelas pessoas leigas aos monges. Estaria eu pronto para me deparar com meus amigos africanos que nunca ouviram falar do Budismo? Eu decidi levar os ensinamentos do **Buddha** para a África.

Indo em peregrinação aos lugares Santos Budistas

Planejei uma viagem inicial que iria se estender por mais de 6 meses pela Ásia e África. Em outubro de 2004, o Venerável Khippapanno aceitou-me juntar a um grupo de peregrinos budistas para a Índia e Nepal. Apesar de meus anos na Índia, seria minha primeira visita ao local de nascimento do **Buddha** e unindo minha fé e confiança no **Dhamma**. Fui a Burma e Sri Lanka e finalmente aterrissei em Uganda para visitar minha mãe e cheio de esperanças introduzir o Budismo ali. No Sri Lanka, meu hospedeiro, Dhammaruwan (uma criança prodígio do Sri Lanka que tem praticado **Samatha** (concentração) e **Vipassana** (Insight) por 20 anos desde a idade dos nove

anos), deu-me para escolher entre 2 estátuas de **Buddha** para levar para Uganda – uma estátua pequena e uma grande. Desde que meu nome **Buddharakkhita** significa “protetor do **Buddha**” em Pali, escolhi a estátua maior e me propus a protegê-la. Entretanto, não podia prever que a proteção à estátua de **Buddha** iria me dar tantos problemas em minha viagem de volta para a África.



Venerável **Buddharakkhita** recebendo a imagem de **Buddha** do **Upasaka** (leigo budista) Dhammaruwan

*“Em trevas está o mundo
Como pássaros que se libertam do cativoiro
poucos seguem para um estado abençoado”.
Dhammapada: 174*

Viajando com a Estátua de Budhha no Kenya

Após responder a centenas de perguntas sobre a Estátua de **Buddha** em Mumbai (Bombaim), Índia, com aproximadamente 5 horas de atraso, então a bordo do avião e novamente na imigração no Kenya. Estava me sentindo exausto. E pior, me sentia terrível por causa da estátua, a qual eu havia feito a promessa de proteger, tinha se quebrado em sua base devido ao constante manuseio. Eu quis mantê-la comigo para protegê-la durante nossa viagem, por isso embrulhei-a num manto de monge. Mas isso não foi suficiente. Os oficiais de imigração me fizeram muitas perguntas.

“É um bebe o que você está carregando? Onde está passaporte dele?”

“Não!”, eu insistia, “É apenas uma estátua”.

Outro oficial me perguntou, “Isso é seu mungu (Deus)?”

“Não! No Budismo estátua não é Deus.”

“Porque você está cobrindo-a? Você não quer que as outras pessoas a vejam?”

“Não, eu cobri por causa de sua fragilidade e para evitar que ela fosse arranhada”, expliquei.



A estátua do **Buddha** coberta em um pano para proteção

Quando coloquei a estátua no escritório de imigração para poder ter minhas mãos livres e ter meus documentos de imigração em mãos, o oficial me perguntou “O que é isso? Isso está amedrontando as pessoas! Por favor, tire-a daí!”

“Isso é uma estátua de **Buddha**”, eu respondi. Eu estava num dilema. Eu não podia ao mesmo tempo segurar a estátua e mostrar meus documentos de viagem. Quando deixei a estátua sentada sozinha, as autoridades ameaçaram de destruí-la, mas quando deixei-a num canto, pessoas ficavam com medo de se aproximar dela.

Os oficiais continuaram, “Ela parece com uma magia africana, coisas sobrenaturais de bruxaria”.

“Porque está carregando essa estátua? Abra-a! Posso vê-la? Você está carregando algo dentro dela? Possivelmente drogas?”

“Não! É simplesmente uma estátua de **Buddha**”, respondi desembrulhando-a.

”Não a venda em Nairobi!”

“Não é para vender”, eu humildemente respondi.

Finalmente ele comentou, “é bela!”

Agradei-o e fui embora.

Passei alguns dias no Kenia recuperando-me da viagem. Antes de prosseguir para Uganda, programei embrulhar bem a estátua em mantos, cobri-la com jornal e mantê-la numa mochila a caminho de Uganda.

Amada Uganda!

Finalmente, cheguei ao Aeroporto Internacional de Entebbe em Uganda num dia brilhante e ensolarado. Senti uma fresca brisa vindo do belo Lago Victória. Entretanto, não estava certo como meus conterrâneos iriam me reconhecer em meu manto de monge budista. Eu realmente parecia um estrangeiro no meu país natal. Juntei-me a uma longa fila na mesa de imigração. Os ugandenses olhavam-se inquisitivamente com olhos ansiosos. Ao inspecionar meu passaporte de Uganda o oficial leu meu nome confirmando que eu era da tribo de *Baganda*, o que o deixou intrigado. Ele viu um homem de manto aparentemente vindo de Uganda, mas que estava acabando de chegar dos Estados Unidos.

Ele perguntou-me repentinamente, “Porque está se passando por um *Maasai* quando você é um típico *Baganda*?”

Eu disse a ele que era um monge budista. Ele de má vontade deixou-me passar, mas não estava particularmente muito convencido.

*“Assim como é recebido com alegria pelos amigos e parentes
o que retornou são e salvo após longa ausência,
assim também o recebe o mérito das suas boas ações em outra vida.”*
Dhammapada: 219-220

Boas vindas a um filho Budista há muito perdido

Minha irmã encontrou-me no aeroporto; ela estava excitada em me ver, respeitosa e vestida como um “Pastor”. Fomos para casa para encontrar com

minha mãe que estava radiante em me ver. Parecia inacreditável que quase outros 7 anos haviam passado desde que vi minha mãe. Minha família estava estupefata em me ver vestindo um manto de um monge budista. Minha mãe não podia acreditar no que via. Ela ficava me perguntando, “é você, meu filho, Steven?”

“Sim, mãe, sou eu,” eu respondia.

Então ela andava em volta da sala constantemente olhando-me enquanto lágrimas desciam em sua face. Ela andava outra vez em volta e dizia “Graças a Deus! Você voltou”.

Eu sabia que não havia nenhum Deus que havia me trazido de volta ao lar, mas não queria discutir ferindo os sentimentos de minha mãe. Meus parentes olhavam para meu manto e observavam cuidadosamente meu comportamento. Gradualmente percebi que com o manto, com as regras necessárias para um monge budista e com a estátua do **Buddha**, eu não poderia mais permanecer nessa casa.

*“Assim como os grandes rios – tal como o Ganges, o Yamuna,
caminham atingindo o oceano,
E desistem de seus nomes anteriores e ficam classificados simplesmente como
‘oceano’,
Da mesma forma quando membros de uma das 4 castas – guerreiros nobres,
brahmanes, comerciantes e trabalhadores – vão da vida familiar para a vida de
peregrino na Doutrina e Disciplina declarada pelo **Buddha**,
eles desistem de seus antigos nomes e clãs
e ficam classificados como simplesmente “contemplativos”, filhos de Sakya ...”
...O **Buddha***

Homem louco?

No dia em que cheguei em Uganda, houve um forte aguaceiro. Foi difícil encontrar acomodações. Além do mais, eu queria ficar perto de minha mãe e o resto da família. Decidi arrumar acomodações num hotel por perto. As pessoas continuavam a olhar intrigadamente e algumas vezes preocupadas quando me viam. Algumas pessoas pensavam que meu manto era uma roupa tradicional da tribo dos *Maasai*.

Uma manhã quando eu deixava meu quarto de hotel, passaram por mim duas mulheres. Permaneci numa meditação andando, muito lentamente voltando e indo uns 20 passos, com meu olhar fixo num degrau em frente dos meus pés. Eu ouvi as duas senhoras conversando.

Uma disse, “Esse é um homem louco!”

A outra disse, “Um homem louco não tem recursos para ficar em tal hotel tão bom. Ele não pode ser um homem louco!”

Enquanto eu retornava para o hotel, duas crianças olharam-me medrosamente e fugiram correndo, dizendo, “Esse homem vai nos comer!”

Isso me fez lembrar-me de como quando era garoto, fui defrontado com histórias tradicionais de *Baganda* sobre lugares estranhos com pessoas estranhas. De fato, quando eu era criança havia um homem com roupas esfarrapadas que eu encontrava-o regularmente e me metia medo e pensava que ele poderia me comer.

*“De todos os remédios do mundo,
numerosos e vários,
não há nenhum como o remédio do Dhamma;
Portanto, oh monges, bebam dele.
Após beber desse remédio do Dhamma
vocês estarão para além do envelhecimento e da morte;
estarão apaziguados, livres do apego.”*
....O **Buddha**

Médico ou Curandeiro?

Alguns ugandenses viam-me como um curandeiro quando me viam carregando a bolsa de monge. “Hey! O que está vendendo?” eles perguntavam.

Os ugandenses procuram por remédios mesmo quando estão saudáveis. Levando minha bolsa de monge, alguns moradores pensavam que eu era um homem que vendia remédio tradicional, comumente chamado de doutor bruxo. Mais tarde pude confirmar que os *Maasai* iniciaram a venda de suas ervas tradicionais e remédios em volta de Kampala.

Desisti da carreira de negócios para me tornar um monge budista, mas as pessoas de Uganda ainda pensavam que eu era um negociante! De fato, monges não são permitidos de se envolverem em qualquer negócio, troca de dinheiro ou prática de medicina. Mas o remédio do **Dhamma** não está à venda! Eu estava realmente carregando sementes do **Dhamma**. Gostaria que eles pudessem experimentar a medicina verdadeira do **Dhamma**. Mais tarde fui informado que os remédios dos *Maasai* não eram necessariamente para doenças, mas também para o bem estar geral da pessoa. Isso me fez refletir no **Dhamma** o qual o remédio é uma mensagem universal de felicidade e bem estar.

*“É por si mesmo que se age mal,
é por si mesmo que se é impuro;
é por si mesmo que se age bem,
também por si mesmo que se torna puro.
Os estados de pureza ou impureza são criados pelo próprio homem,
ninguém pode purificar o outro”.
Dhammapada: 165*

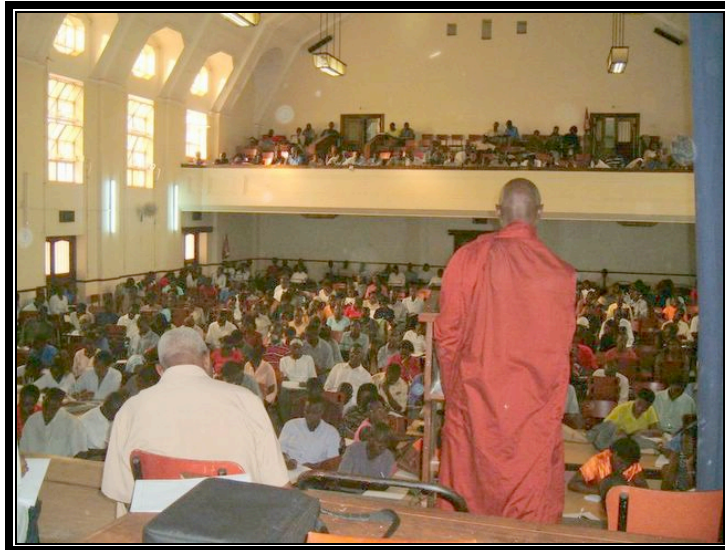
Jogar tênis ou tomar conta de nosso Rei? Um monge perde um exercito... Salvação!

Vendo um abanador budista, um objeto religioso que trouxe de Myanmar (Birmania, algumas pessoas pensavam que era um novo tipo de raquete de tênis, “ensero” e perguntavam-me onde eu ia jogar tênis. Algumas pessoas pensavam ser um escudo que eu usava para proteger meu corpo. Ainda outras pessoas pensavam que era um segurança de nosso Rei, ou um notável representante do Papa vindo do Vaticano em Roma. (as cerimônias do funeral do Papa João Paulo aconteciam durante esse tempo, talvez por isso as pessoas tivessem esses pensamentos!).

Meu manto laranja – marrom causava mais confusão. Fui a uma vila uma tarde estando formalmente vestido com meu manto. Tinha um braço por dentro do manto e outro braço livre para movê-lo. Quando crianças viam-me diziam entre eles, “vejam aquele homem com um braço só!”

Ao visitar um farmacêutico, aconteceu de ter dobrado meu braço por dentro do manto. Ele pensou que meu braço estava quebrado numa atadura de gesso. Tive que convencê-lo que não tinha problema com meu braço. Se você for à África como um monge budista você deve esperar causar muita sensação!

Outra vez, as reações eram fortes. Um dia, a Universidade de Makerere em Kampala, convidou-me a fazer uma palestra sobre a “Natureza do Budismo e sua Importância na África.” Eu mencionei em minha palestra que as causas da miséria humana e o sofrimento eram o ódio, apego e a delusão. O meio para sair da miséria e o sofrimento é abandonar essas características.



Venerável **Buddharakkhita** ministrando uma palestra na Universidade de Makere em Kampala

Após minha palestra, um estudante me enviou um recado (um tipo de ultimato) que dizia “caro Senhor, a fonte do sofrimento é o demônio. Assim, aceite Jesus Cristo, junto com seu pai, Deus, então irá atingir a felicidade. Eu aconselho a aceitar a Salvação para obter a felicidade a qual não é encontrada nos seus pequenos deuses”.

Um budista compreende que pessoas são responsáveis por suas próprias escolhas. Salvação final ou atingimento do **Nibbana** virá somente de dentro da pessoa.

Foi uma surpresa agradável que a website do Makerere Universidade tinha um título em sua home page o qual era um versículo do **Dhammapada** da minha palestra, “Vocês devem fazer o esforço; os **Buddhas** são apenas os professores.” (Eles apenas mostram o caminho).

Aqueles que entram nesse caminho e são meditantes ficam livres do mal.

*“Aquele que se refugia no **Buddha**, no **Dhamma** e na **Sangha**
penetra com sabedoria transcendental
as Quatro Nobres Verdades: Sofrimento – a origem do sofrimento,
a cessação do sofrimento e o Nobre Ótuplo Caminho
que conduz à cessação do sofrimento”.
Dhammapada: 190-191*

A mãe toma refugio

Inicialmente, somente minha mãe, minha irmã mais nova e meu cunhado me visitavam no hotel. Finalmente, outros parentes e seus amigos o seguiam, talvez por curiosidade. Eu mostrava a eles figuras dos meus amigos budistas, de quando eu fui ordenado, de minha peregrinação à Índia, de Myanmar (Burma) e do Sri Lanka. Todos diziam que as figuras dos templos e dos monges eram bonitas. Eu também trouxe presentes que os vietnamitas e os devotos tailandeses budistas (dos Estados Unidos) enviaram especialmente para minha mãe. Ela ficou profundamente comovida e não podia compreender porque esses budistas devotos pensavam nela e fizeram tal ato amoroso de amor para ela.

Explicar o Budismo para minha mãe e para outros parentes não foi fácil. Felizmente, alguns amigos meus nos Estados Unidos me deram alguns endereços de pessoas da Tailândia e Sri Lanka que estavam morando em Uganda.



Devotos tailandeses fazendo oferendas ao Ven. **Buddharakkhita** durante o **pindapatta** (oferenda de alimentos)

Assim decidi visitá-los com minha mãe. A primeira visita foi a um restaurante pertencente a quatro tailandeses. Após ver-me essas pessoas tailandesas ficaram muito felizes e me trataram com profundo respeito. Eles fizeram reverência a mim até o chão e me ofereceram suco de laranja. Isso é um costume frequentemente visto nos países Theravada budistas quando uma pessoa leiga encontra um monge budista. Minha mãe ficou muito surpresa, talvez até um pouco confusa. Após, fomos visitar uma fabrica pertencente a uma pessoa do Sri Lanka. O dirigente da fabrica era um senhor alto e bem vestido. Logo que me viu ele também se prostrou da forma usual,

como um gesto de respeito a mim. Outra vez, minha mãe ficou realmente surpresa. Certamente ela não sabia sobre o costume de se prostrar, ou a história do Venerável Sariputta voltando para casa para ver sua mãe, muitos devas (seres dos reinos celestiais) vieram prestar homenagem a ele. Isso foi um agradável e surpreendente despertar para sua mãe que fez decidir sua conversão ao budismo, tomando refugio no **Buddha**, **Dhamma** e na **Sangha**. Surpreendentemente minha mãe mais tarde, iria fazer da mesma forma.



Visitantes do Sri Lanka com Ven. **Buddharakkhita** em Uganda

*“Mas algumas pessoas que têm
pouca poeira em seus olhos
serão capazes de compreender o Dhamma”.
... O Buddha*

Contemplando a beleza da estátua de Buddha

Alguns dias mais tarde, eu me mudei para outro hotel, perto do restaurante Thai, onde oficialmente desembulhei a roupa que cobria a estátua de **Buddha**. Minha irmã exclamou, “A estátua de **Buddha** parece uma figura feminina!”

Disse-lhe que isso era bonito e muitas pessoas admiravam a compleição de **Buddha**. Disse que aparentemente, pessoas que meditam tendem a ter mentes belas.

Consequentemente, elas conseguem lindas compleições na pele. Naquele dia, minha mãe também estava presente. Eu a vi contemplando pelo canto da sala e perguntei a ela o que ela estava olhando. Ela disse que ela estava fascinada pela beleza da estátua de **Buddha** e ficou absorvida ao contemplá-la. Um momento mais tarde, ela me disse que queria se tornar budista. Ela tinha sido Cristã (Protestante) e depois ela se tornou uma Muçulmana durante os últimos 10 anos. Agora certamente ela tinha que refletir profundamente nas muitas coisas novas e estranhas acontecendo desde meu retorno antes de decidir se tornar uma budista. Oficialmente para se tornar um budista, devemos apenas tomar os Três Refúgios. Entretanto, para se tornar um budista virtuoso você também tem que tomar os Cinco Preceitos:

Os Cinco Preceitos:

- 1 – Eu tomo o treinamento de me abster de destruir as criaturas vivas.
- 2 – Eu tomo o treinamento de me abster de tomar o que não me foi dado.
- 3 – Eu tomo o treinamento de me abster da má conduta sexual.
- 4 – Eu tomo o treinamento de me abster de fala mentirosa.
- 5 – Eu tomo o treinamento de me abster de tomar drogas e bebidas intoxicantes, as quais levam ao descuido.

Levei muito tempo traduzindo os Três Refúgios e os Cinco Preceitos para a nossa língua local. Essa foi a primeira vez que estava dando o Refúgio e os Preceitos tomados em cerimônia na minha língua nativa. Entretanto, eu fiz a cerimônia para ela. Minha mãe tomou os Cinco Preceitos facilmente e naturalmente. Ela não conhecia o budismo, mas moralmente, poderia se dizer que ela viveu sua vida como uma Budista. Isso mostra como o **Dhamma** é universal. Talvez, ela tinha as sementes do **Dhamma** com ela por muitas vidas! Quem sabe? Logo, em um mês de caminhada por minha cidade natal, havia 5 membros de minha família e amigos que tomaram refúgio em **Buddha, Dhamma** e na **Sangha**. Entre eles minha mãe, minha irmã mais nova e meu cunhado. Isso me fez lembrar-se dos 5 discípulos do **Buddha** quase 2.600 atrás.

Sem dinheiro para alimentar os Três Refúgios!

Algumas pessoas se acostumaram em me oferecer alimentos e sempre oferecia bênçãos às pessoas que me ofereciam alimentos. Um deles tinha um interesse ardente pelo budismo. Ela queria saber como se tornar uma budista. Eu disse a ele que deveria tomar os Três Refúgios em **Buddha, Dhamma** e **Sangha** repetindo as frases para tomar os Três Refúgios (as quais eram repetidas três vezes) como se segue:



Ven. **Buddharakkhita** ministrando os Cinco Preceitos em frente ao “templo móvel”

Buddham saranam gacchami

(eu vou ao **Buddha** como meu refúgio)

Dhammam saranam gacchami

(Eu vou ao **Dhamma** como meu refúgio)

Sangham saranam gacchami

(Eu vou à Sangha como meu refúgio)

Pela segunda vez:

Dutiyampi Buddham saranam gacchami

(Pela segunda vez eu vou ao **Buddha** como meu refúgio)

Dutiyampi Dhammam saranam gacchami

(Pela segunda vez eu vou ao **Dhamma** como meu refúgio)

Dutiyampi Sangham saranam gacchami

(Pela segunda vez eu vou à Sangha como meu refúgio)

Pela terceira vez:

Tatiyampi Buddham saranam gacchami

(Pela terceira vez eu vou ao **Buddha** como meu refúgio)

Tatiyampi Dhammam saranam gacchami

Pela terceira vez eu vou ao **Dhamma** como meu refúgio)

Tatiyampi Sangham saranam gacchami

(Pela terceira vez eu vou à Sangha como meu refúgio)

Enquanto eu continuava a lhe ensinar, eu via sua face franzindo de vez em quando.

Ela me interrompia, “Mas, espere...E se eu não tiver alimento suficiente para alimentar os três refúgios?”

“Não se preocupe,” eu dizia e explicava a ela os Três Refúgios e ela se sentia aliviada do peso. Será que ela pensava ser nomes de refúgios do Sudão, Ruanda ou do Congo?

Antes de eu deixar Uganda, ela visitou nosso Centro Budista. O número de devotos começou a aumentar e eles tomaram os Três Refúgios!



Visitantes budistas Tailandeses
no Uganda Buddhist Centre

Algumas semanas antes de ir para os Estados Unidos, minhas três sobrinhas e um sobrinho se juntaram ao caminho do **Buddha**. Num período de um mês, o qual eu passei em Uganda, um grupo de nove ugandenses locais se tornaram budistas. Na minha segunda visita a Uganda, meu sobrinho disse: “Eu quero ser como você,” dizendo com isso que ele aspirava se tornar um monge. Planos estavam sendo feitos para enviá-lo a um país da Ásia e ordená-lo como um monge noviço.

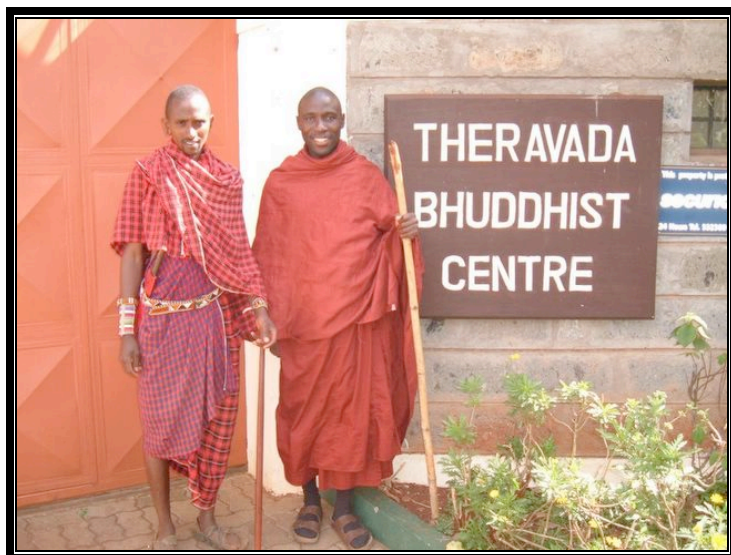


Ven. ***Buddharakkhita*** ensina meditação à sua sobrinha

Monge Masaai ?

Antes de retornar aos Estados Unidos, eu passei uma semana no Kenya. As pessoas eram muito amigáveis e me pareciam ajustados na sociedade. Em uma ocasião um homem *Maasai* parou-me, “Er-wo!” Fiquei um pouco perdido, não percebendo o sentido da palavra. Permaneci em silêncio por um instante não entendendo o que ele dizia. Mais tarde, ocorreu-me que deveria ser um cumprimento no dialeto local *Maasai*. O povo *Maasai* embrulhava *shukas* (um pedaço de pano), muito parecido com a cor de açafraão do meu robe, em volta de seus corpos.

Quando passei pela vila de Kangemi, uma senhora *Maasai*, que vendia remédios tradicionais, sempre me dava uma saudação colocando suas mãos juntas. Interessantemente, essa é a maneira tradicional budista de cumprimentar os monges. Eu não sei como ela aprendeu a me saudar.



Ven. **Buddharakkhita** com um Maasai
na entrada do Buddhist Centre

Minha semelhança com os *Maasai* e com sua afabilidade eventualmente davam-me um sentido de pertencer – tinha encontrado um lugar como um monge *Maasai* na sociedade. Eu iria usar mais tarde essa atmosfera afável para ensinar o **Dhamma** para as pessoas do local que estavam mais propensas a ouvir, na medida em que eu parecia ser um deles.

Será que ainda haveria trabalho do **Dhamma** para ser completado na África? Sem dúvida eu estava motivado pela fé dos novos budistas e determinado a continuar a espalhar as sementes do **Dhamma**.

“Tremem todos diante da violência.

Temem todos a morte, a todos a vida é cara.

Colocando-se no lugar dos outros, não mates e não sejas causa de morte.”

Dhammapada: 130

Voltando para irrigar as sementes do Dhamma

Os conflitos culturais

Em minha segunda viagem para a África após quase um ano nos Estados Unidos, continuei a perceber que as pessoas olhavam para mim com curiosidade, tentando entender meu lugar na sociedade africana. Algumas vezes eu recebia ajuda e encorajamento das pessoas locais e outros adeptos do **Dhamma**. Eu visitei o Kenya após um mês em Uganda. Cada manhã eu saía para o **pindapatta** (prática de mendicância de comida)

Um porteiro de nome John na Universidade de Nairobi se mostrou ser um grande contador de histórias. Durante o Natal meu amigo perguntou-me o que eu pretendia ter para o almoço em dia tão especial. Eu lhe disse que eu sempre comia qualquer coisa que me era oferecida, mas eu sugeriria um almoço vegetariano. Ele me informou que em tal dia, eles ‘*chinja*’ (matavam) um boi, uma galinha e assim por diante, para significar que era um dia especial do ano.

Eu lhe perguntei por que eles matavam animais. Ele disse que Deus lhes disse para matar vacas, cabras, galinhas e assim por diante, mas ele havia proibido matar e comer seres humanos, leopardos, elefantes, etc. Então perguntei se os animais não tinham o direito de serem felizes e participar do Natal como ele fazia. “Animais não sabem do Natal” John respondeu. Coloquei fortemente que não se devia matar animais por causa que eles eram seres vivos também e sofriam muito enquanto eram mortos. Ele confidentemente me respondeu que as pessoas gostavam de matar animais para se alimentarem. Ele argumentou que “*nyama choma*” (carne assada) e um licor criado no local com o nome de “*cha’ngaa*”, vodka africana, eram os alimentos e a bebida que marcavam a celebração do dia de Natal. Eu lhe disse que os monges eram proibidos de beber álcool, enquanto ele tentava me convencer que um pouco de vinho certamente não faria nenhum mal. “Apenas um pouco!” Em relação à minha preferência por vegetais, ele comentou que muito ‘*sukuma wiki*’ (kales, um vegetal saudável que cresce no jardim) poderia acabar crescendo dentro do meu estômago! Ele me recomendou não comer somente vegetais.

*“Felizes, realmente
vivemos nós que nada queremos possuir.
Na serenidade, resplandecemos como seres divinos.”
Dhammapada: 200*

O homem do dólar

Após muitos encontros com John ele aprendeu como me tornei um monge Budista, e que era agora um residente permanente dos Estados Unidos. Ele me disse “você é um homem do dólar. Você pode me dar um pacote de dólares que trouxe da América?” Ele me fez rir quando informou que ele iria trabalhar no templo porque o porteiro do Centro Budista tinha um ‘*tumbo kubwa*’ (um grande estômago) Contrária à crença do Ocidente, africanos acreditam que ter um grande estômago é um sinal de riqueza. Nesse caso, quando John viu nosso porteiro, ele acreditou que havia mais alimentos e dinheiro no templo Budista e que os trabalhadores ali eram bem alimentados. Tive que explicar a ele que a única coisa que podia oferecer eram bênçãos. Quando estava para lhe dar as bênçãos, ele me reverenciou tirando o boné e se curvou para as bênçãos. Antes de eu partir ele perguntou; “apenas bênçãos?” Ele parecia valorizar mais coisas tangíveis do que bênçãos. Ele depois continuou a pedir

dólares. Respondi que eu não tinha dólares. Expliquei-lhe que como monge budista, não ganhamos salário nem possuímos nada. Ajudei-o a entender que nós, como monges, dependemos da generosidade de outro. Por isso, nós vamos para a ronda de esmola toda manhã pela vizinhança. Ao mesmo tempo as pessoas leigas dependem dos monges para se guiarem na vida espiritual. Assim há um relacionamento simbiótico entre os monges e as pessoas leigas.

*“Como abelhas que sem ferir as flores
Suas cores ou aromas, voam coletando apenas o mel,
assim também o monge (sábio)
Vai em sua ronda de mendicância pela vila
(sem prejudicar a fé, a generosidade ou riqueza das pessoas das vilas”.
Dhammapada: 49*

Indo para a ronda das esmolas

Muitas rodadas de esmola, uma doce banana!

Minha tigela era uma constante fonte de perguntas. Algumas pessoas pensavam que eu carregava um tambor africano, talvez um pequeno “*jembe*.” Isso me recordava de uma vez em Londres quando uma garçonete inglesa confundiu minha tigela com um tambor africano. Quando ela começou a bater na vasilha eu lhe disse que aquilo era minha tigela de esmola, ela rapidamente pediu desculpas. Na minha ronda de esmolas pelo Kenya, quando eu passava pelo portão da Universidade, meu amigo John sempre tinha perguntas para mim e histórias para dividir. Ele queria saber como um africano que não era um *Maasai* podia usar um manto e andar carregando uma “*bakuli*” (tigela de esmolas). Eu tinha que explicar para ele o significado do manto e de um monge budista ir para a ronda das esmolas

Um dia, indo para a ronda de esmolas, decidi ir descalço. John ficou atônito e disse que eu era uma visão engraçada. Ele rindo me disse que eu andava descalço como uma galinha! Ele disse que andar descalço significa que eu era pobre e sem trabalho. Além do mais havia laminas, pedaços de vidro quebrado ao longo da estrada, assim ele se preocupava que pudesse parar num hospital na sala de Emergência. Ele me perguntou, “você não tem um chinelo ou uma sandália?” Ele me avisou meio brincando. “Da próxima vez que você vier descalço fecharei o portão e me recusarei a deixá-lo passar.” Esse era uma expressão de preocupação, embora mal orientada. Mais tarde, após meu almoço eu voltei e expliquei ao John que isso era nossa tradição como monge andar descalço enquanto íamos para a ronda das esmolas. Ele ficou finalmente convencido.

Anteriormente, John me perguntou sobre minha tigela de esmolas a qual lhe parecia um pote e significava que eu estava em uma longa viagem. Ele me perguntou se eu ia viajar para fora do país.

Eu disse, “Não, eu vou para a ronda de esmolas procurar alimentos.” Ele apenas riu.

Então ele disse: “Buscar comida?” Você já é rico!” (De fato, monges e monjas não podem possuir qualquer dinheiro, assim isso é um pouco mal interpretado).

Eu parei e perguntei a ele, “Você é cristão?”

Ele respondeu, “Sim”.

Eu perguntei a ele, “Você dá alguma coisa ao padre ou à igreja?”

“Sim”, ele respondeu.

“Quando você dá, como se sente?”

“Ah! Eu me sinto feliz”, ele respondeu com um grande sorriso.

Eu disse, “você vê, é a mesma situação. Nós não vamos à igreja no domingo, ao invés disso nós vamos em ronda de esmolas todos os dias para dar as pessoas a oportunidade para realizar a ação meritória de dar. Se você dá, você se sente feliz, não é?”

Finalmente ele pareceu entender e me deu uma doce banana. Conseguir essa banana foi como tirar sangue de uma pedra!

Eu dei as bênçãos. Ele foi muito respeitoso. Eu estava muito feliz em lhe oferecer as bênçãos. Aquela banana tinha um gosto especial muito diferente das outras bananas – o gosto de **dana** (generosidade).

*“A saúde é o maior bem;
o contentamento, o maior tesouro;
o amigo fiel, o melhor parente.
Nibbana é a suprema felicidade.”
Dhammapada 204.*

Apenas um simples monge... É isso!

Surpreendentemente, na minha próxima rodada de esmola, John novamente me pediu para lhe dar algo pelo menos. Eu lhe prometi lhe enviar esse livro de **Dhamma** uma vez que fosse publicado. Ele ficou muito feliz. Era como se ele tivesse investido uma banana em algum negócio futuro que lhe iria proporcionar a soma de muitos dólares algum dia. Ao final não fiquei surpreso porque muitas pessoas dão coisas na expectativa de que terão algo em troca – pelo menos um agradável obrigado. Claro, devemos ser sempre gratos às pessoas que nos dão algo por caridade. Tradicionalmente, quando pessoas oferecem algo aos monges ou monjas, são as pessoas que agradecem aos monges e monjas. O doador nem espera uma palavra de agradecimento vindo dos monges ou das monjas. Cada doador sabe que eles são os que estarão recebendo os méritos. O John não podia entender como uma pessoa que morava num dos países mais ricos do mundo – assim chamado de “super potencia”, América – podia ir para a ronda de esmolas com uma tigela para as esmolas pedindo por alimentos. Realmente, monges não pedem por esmolas. Ao invés, eles coletam esmolas e aceitam qualquer alimento oferecido a eles. (É uma ofensa menor para os monges pedir ou esmolar por um tipo especial de alimento a uma pessoa que não seja parente consanguíneo).

Eu convenci-o de que mesmo vivendo em um país rico, eu era somente um simples monge nascido em Uganda. Esse incidente me fez lembrar de uma senhora americana que uma vez me perguntou enquanto eu me preparava para fazer minha ronda de esmola em Winchester, West Virginia, “Como você se sente indo para a ronda das esmolas como um negro africano, num manto laranja, pedindo por alimento numa cidade rural da montanha em um dos estados norte-americanos mais conservadores da América?”

*“Da cobiça nascem a tristeza e o temor.
Quem delas se liberta desconhece a tristeza e o temor.”
Dhammapada: 216.*

Carregando uma bomba, uma bola ou uma cesta?

Durante minha ronda de esmolas matinais, um homem confundiu minha “tigela de alimentos” por uma bola de futebol. Eu também encontrei um grupo de senhoras esperando pela colheita dos grãos de café perto de uma plantação de café. Elas pararam e me perguntaram “*Habari yako*”? (Como vai você?) Uma das senhoras começou a franzir as sobrancelhas para mim. Ela olhou amedrontada e disse, “Estou com medo da bomba que você está carregando.” Mais tarde ela me perguntou, “Aquilo é realmente uma bomba?”

“Não!”, eu disse, enquanto abria minha tigela de esmolas enquanto várias delas me rodearam. Eu disse a elas que era uma tigela de esmolas.

Quando eu a abri, a senhora gritou, “Oh! Está vazia!”

Eu disse, “Ela está cheia de ar!”

As mulheres inocentemente me perguntaram, “Para que Deus você reza em seu Templo?”

Antes de eu poder responder elas me perguntaram se elas seriam bem vindas para visitar o templo. Fiquei surpreso pelo interesse delas em ver o Centro Budista. Por tudo, minha estadia em África foi maravilhosa. Eu vim a aprender muita coisa sobre como os moradores locais viam os monges budistas e o Budismo (o **Dhamma**) que eu representava.

Bem, tive que ir para a ronda das esmolas na África muitas vezes sem muito sucesso. Uma das razões do meu insucesso em conseguir esmolas nas minhas rondas em Uganda era que todas as pessoas que me viam com minha vasilha de esmolas, eles queriam comprá-la. Eles pensavam que ela era uma cesta ou uma bolsa.

“Quanto custa isso?” elas sempre me perguntavam. De fato, a vasilha custa por volta de \$50 – ou algo assim – um alto preço para um ugandense comum. Algumas vezes elas pensavam que eu era um *xamã* local tentando vender remédios para eles. Eu também não fui bem sucedido também por causa que algumas pessoas pensavam que eu era totalmente louco... andando a coletar coisas.

*“Uma pessoa deve fazer ações meritórias.
Deve fazer isso sempre,
deve encontrar a felicidade em assim fazer:
bênçãos é o acúmulo de mérito”.
... o Buddha.*

Bispo budista, mestre Shaolin ou mestre escoteiro?

Quando eu estava em Uganda, continuava com a ronda de esmola tradicional. Decidi ir para Mmengo e fui através do portão do camping onde coloquei meu “templo móvel”, o porteiro perguntou-se onde eu estava indo. Expliquei a ele o propósito da viagem com minha vasilha de esmolas, indo para a ronda de esmolas. Ele ofereceu-me um pacote de amendoins. Isso foi um gesto estupendo para mim. Então continuei

para Mmengo para minhas esmolas. As pessoas olhavam para mim atônitas. Elas continuamente perguntavam se eu queria vender a cesta (a vasilha de esmolas) para eles, mas lhes dizia que não estava à venda, que eu a usava para comer. Voltei ao local do camping sem esmolas. Um dos atendentes do camping estava disposto a me oferecer esmolas ali. Essa foi a primeira vez que recebi esmolas de um atendente de camping. Algumas pessoas estavam começando a compreender-me um pouco melhor agora. Entre eles havia o atendente do camping que me tomou por um Bispo budista. Eu disse a ele que era um simples monge, não um bispo.

Com o passar do tempo, algumas pessoas do local começaram a ter alegria em me oferecer as esmolas, embora tivessem uma sobrevivência difícil. Pude ver pessoas desenvolvendo fé no **Dhamma** quando lhes era mostrada a vida simples de um monge budista. Entretanto, eles tinham uma imagem diferente do que eles pensavam ser um bispo Budista. Outro dia, um casal de ingleses ofereceu-me duas bananas e um maracujá.

Ir para a ronda de esmolas é uma experiência muito humilde. Eu nunca sei como as coisas vão acontecer. Também comecei a ser o centro de atração em Uganda. Pessoas sempre me fitavam enquanto eu caminhava pelas estradas com minha cabeça raspada e meu manto. Frequentemente, eu não conseguia alimentos em minhas rondas de esmolas, mas, felizmente, eu tinha ajuda de um grupo de suporte de quatro tailandeses do restaurante tailandês Krua em Kampala, que me prometeram ofertar comida até eu deixar Uganda. Além disso, minha mãe trazia alimentos vez por outra.

Algumas vezes quando eu ia para os subúrbios de Kampala as pessoas diziam que eu era um Mestre Shaolin, que não iria falar com ninguém, apenas porque eu me mantinha quieto. Ou enquanto fazia minha meditação andando, eles acreditavam que eu estava perdido e buscando por uma estrada correta. Algumas pessoas confundiam-me com uma “dançarina da noite” ou algum tipo de pessoa que entretém e ficavam imaginando o que uma “dançarina da noite” fazia tão cedo pela manhã. Eles até achavam difícil identificar meu sexo. Uma senhora me perguntou, “Você é homem ou mulher?” Outros pensavam que eu era um mestre escoteiro devido à minha vestimenta. Enquanto eu andava pela cidade universitária, um homem perguntou quando tinha me graduado, pensando que estava usando uma beca de graduação.

*“A paciência perseverante é a suprema austeridade
que leva ao maior bem, o Nibbana.
Dhammapada: 184*

Quando as coisas ficam difíceis, a dificuldade continua.

Algumas pessoas parecem sentir mais medo do que interesse. Aparentemente os taxistas ugandenses têm muito mais medo e ansiedade. Três diferentes taxistas recusaram a me pegar apesar de cada um ter o sinal indicativo de ter um espaço livre para qualquer pessoa no táxi. No início os taxistas diminuía a velocidade, mas ao se aproximarem eles aumentavam a velocidade.

Algumas vezes tinha que caminhar uma distancia longa porque os táxis recusavam a fazer uma corrida comigo. Deparei-me com muitas situações desafiantes. Algumas vezes devemos nos deparar com essas situações e ver as possibilidades nelas. Claro, andando eu me expunha mais às pessoas locais. Eu estava aberto a elas. Com certeza eu estava justamente tentando aplicar amor compassivo, compaixão, paciência e compreensão.

Quando da minha primeira visita, eu estava carregando minha tenda comigo (a qual mais tarde iria se tornar "o templo móvel"), e em busca de um lugar para acampar sem sucesso. Uma pessoa que eu contatei me avisou para alugar um quarto dela, mas decidi procurar em outros lugares (perto da cidade de minha mãe) em vez de um local no campo. Finalmente não fui capaz de encontrar um, voltei para o mesmo homem que havia me oferecido um quarto. Quando eu o chamei, ele me informou que não havia nenhum quarto para mim. A suspeita surgiu na mente daquele homem. Finalmente, arrumei acomodação num local diferente por alguns dias até que o camping pudesse me oferecer um espaço. Os devotos budistas ugandenses iriam me encontrar ali para os serviços devocionais e lições de meditação.

Mais tarde, com um adepto do **Dhamma**, fui procurar uma terra que estivesse à venda e que pudesse pagar com os meus recursos. Uma idéia me ocorreu que seria bom para o Budismo em Uganda ter um local permanente para se reunirem. As pessoas que moravam perto da propriedade não quiseram falar comigo suspeitando que eu fosse um bruxo. Ao invés eles falaram ao meu companheiro. É um sentimento muito estranho quando uma pessoa não é aceita pela sociedade.

Em outra ocasião, eu queria registrar nosso Centro Budista em Uganda. Fui submeter os documentos ao Comissário no Distrito Regional (RDC) que suspeitou que eu fosse perturbado mentalmente. Entretanto, ele deu a entrada nos papéis e assinou com hesitação. Em seguida fui a outro cartório de registro em Kampala. A senhora do escritório de registro da Organização Não-Governamental (ONG) franziu as sobrancelhas quando entrei em seu escritório. Ela admitiu que quase saiu correndo quando ela me viu me aproximando do balcão.

As pessoas continuam a julgar o livro por sua capa.

*“Feliz é aquele que encontra um amigo certo na necessidade.
Feliz é aquele que está satisfeito com o que possui e com tudo o que acontece.
Feliz é aquele que, no fim da vida, tem méritos.
É bom ter se livrado de todo o sofrimento”.*
Dhammapada: 331.

As sementes do Dhamma estão plantadas.

Para um estabelecimento de um Centro Budista em Uganda, estávamos muito afortunados em descobrir dois acres de terra perto do Lago Vitória em Geruga na Rodovia de Entebe. Tive grande alegria em saber que as pessoas em Uganda teriam um lugar para praticar o Budismo e meditar. Sabendo que tive que cruzar o Oceano Índico para descobrir o **Dhamma**, eu estava muito feliz de que o **Dhamma** estava agora ganhando raízes na “pérola da África”. Apesar do Budismo existir nesse mundo há mais de 26 séculos, os africanos sabiam muito pouco ou nada sobre o Budismo. Budismo é ainda muito incipiente no continente Africano. Em Uganda, nenhum residente jamais praticou Budismo antes de eu ter chegado como um monge. Agora estou tentando espalhar as sementes mais longe e nos campos férteis trazendo os ensinamentos do **Buddha** para todos com mente suficientemente aberta e desejosos de abraçá-los. A primeira “**sangha** leiga” em Uganda foi estabelecida e minha sobrinha disse que gostaria de ser ordenada como uma monja. Também minha mãe e 3 sobrinhas disseram que gostariam de se tornar monjas. Sou muito grato à comunidade dos vietnamitas e outros no TMC, San Jose na Califórnia, pela enorme ajuda para estabelecer o Centro Budista. Gostaria de expressar meu **anumodana** (compartilhar méritos) ao grupo dos tailandeses na Tailândia e nos Estados Unidos que doaram as duas estátuas do **Buddha**. Possa sua generosidade ser o portão para sua libertação. A primeira estátua do **Buddha** será instalada no Centro Budista de Uganda e a segunda estátua será doada ao Congresso do Budismo Mundial e instalada no Grande Salão Real do Budismo no Japão. Sou muito grato ao Presidente do Conselho Budista Mundial no Japão pela sua generosa ajuda no estabelecimento do **Dhamma** em Uganda. Planos estão sendo feitos para o desenvolvimento do Centro Budista em Uganda.

Finalmente, as sementes do Budismo Theravada foram plantadas em Uganda. É tempo para alimentar as sementes do **Dhamma**. Possam as sementes apropriadas do **Dhamma** bem nutridas crescerem fortes e assim se tornarem abundantes, frutos saudáveis para o benefício de todos os seres.

Que todos os seres sencientes possam praticar de acordo com os ensinamentos de **Buddha** e atingir a libertação final nessa mesma vida.

Atividades do Dhamma em Uganda



Uganda Buddhist Center

Construção iniciada em 2007



Uganda Buddhist Center
2007

Venerável Buddharakkhita é um monge budista ugandense, ordenado em 2002, pelo Venerável U Silananda, no **Tathagata** Meditation Centre (TMC) na Califórnia, USA.

É o fundador do Uganda Buddhist Centre, Kampala, Uganda, África Oriental. Atualmente, reside também no **Bhavana** Monastery e Meditation Centre em West Virginia, USA, onde continua praticando e ensinando o **Dhamma**.

Uganda Buddhist Centre em Uganda

Uganda Buddhist Centre
P.O. Box 16650
Kampala
Uganda
África Oriental

www.ugandabuddhistcentre.org